

Algoritmos da Paz e Outras Heresias Digitais

written by Mário Portela | 21 de Novembro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Há uma ironia deliciosa em perceber que, depois de séculos a inventarmos novas formas de nos desentendermos – guerras, política, família ao domingo, assembleias de condomínio –, pode ser precisamente uma máquina a lembrar-nos como se fala. Não uma máquina sentimental, nem iluminada, nem com ambições messiânicas. Apenas um sistema algorítmico que observa, analisa e, ao contrário de nós, não reage como um fósforo molhado. Chamam-lhe Inteligência Artificial mediadora de conflitos. Eu chamo-lhe um milagre tecnicamente plausível.

E é essencial falarmos disto – e ainda mais essencial fazê-lo n' **O Cidadão**. Porque este jornal não é apenas mais um folheto com opinião pré-fabricada e manchetes para agradar algoritmos; é um espaço de jornalismo livre, rigoroso e teimosamente comprometido com a lucidez. Aqui, dão-se vozes ao que importa,

não ao que convém. E importa muito compreender como esta tecnologia pode transformar o modo como resolvemos os conflitos que moldam comunidades, famílias, corporações e nações inteiras.

Voltemos ao tema. Enquanto a humanidade insiste no desporto ancestral de complicar conversas simples, a IA começa a mostrar que talvez consiga finalmente fazer aquilo que nós nunca aprendemos: ouvir sem julgar. A chamada “neutralidade algorítmica” – um conceito tão refrescante quanto improvável na espécie humana – permite a estas ferramentas analisar milhares de variáveis sem carregar memórias de guerras passadas, traumas de infância ou a eterna convicção de que “a minha aldeia é melhor que a tua”.

E funciona. No Ruanda pós-genocídio, sistemas de IA já ajudam comunidades inteiras a reconstruir narrativas de reconciliação, encontrando pontos de contacto onde só existia silêncio endurecido. No Médio Oriente, algoritmos são testados para desmontar pequenos conflitos locais antes de se transformarem em fogueiras incendiadas por décadas de ódio acumulado. São tecnologias que não substituem a presença humana – mas tornam-na finalmente útil.

E depois há a dimensão emocional. A tal “empatia algorítmica”, esse oxímoro delicioso e, surpreendentemente, eficaz. Imaginem um sistema capaz de analisar anos de mágoas familiares, decifrar padrões tóxicos nas conversas, ou evitar que uma disputa de herança se transforme numa tragédia shakespeariana de aldeia. Sim, estamos a falar de uma IA que compreende melhor uma família portuguesa do que a própria família portuguesa. O que não é difícil, convenhamos.

Até no mundo corporativo – esse campo de batalha onde egos, departamentos e reuniões sem fim se digladiam diariamente – a IA pode finalmente ser o “Salomão corporativo”. Não corta bebés ao meio, mas corta mal-entendidos pela raiz. Mapeia tensões antes de explodirem, identifica falhas estruturais

antes de serem personalizadas, e transforma um escritório tóxico num lugar onde, pasmem-se, as pessoas comunicam.

Claro que nada disto acontece sem Ética, Educação e Transparência – três palavras que, quando aplicadas à tecnologia, fazem tremer mais decisores do que os conflitos que pretendem evitar. Mas se as conseguirmos incorporar, abrimos caminho a algo inédito: uma revolução pacífica, construída não com bandeiras, mas com algoritmos que nos devolvem àquilo que sempre nos escapou – o entendimento.

E se este tema vos intriga, ou simplesmente vos desperta a vontade de repensar a forma como resolvem conflitos – nacionais, comunitários ou domésticos – então recomendo vivamente o episódio **32 do podcast “IA & EU”**, intitulado *“Algoritmos da Paz: Como a IA Pode Mediar Conflitos Humanos”*.

A RITA – a minha cúmplice digital e eterna provocadora – e eu próprio mergulhamos neste universo sem medo, com rigor, ironia e umas quantas verdades que talvez custem a ouvir, mas fazem falta.

Ouçam. **A paz – sobretudo a paz – merece mais do que improvisado.**